

ÁUDIO MÚSICA & TECNOLOGIA

MIDAS M32

Tudo sobre o novo console de alto desempenho com conversores de grande capacidade e pré-amp analógico



PRESSÃO SONORA AO VIVO

Medições e mixagens para evitar excessos nos shows

TESTES INTERFACES BEHRINGER U-PHORIA UM2 E UMC22

Opções para o seu home studio

SMART CONTROLS

Novo recurso organiza melhor área de trabalho no Logic e estimula criatividade

FAÇA
VOCÊ MESMO
Como construir
painéis acústicos
móveis

Imagens do passado: musical *Constellation* transporta público para os anos 1950

Por dentro das novas câmeras URSA e Studio Camera, da Blackmagic

Efeitos de correção no Media Composer para facilitar seu dia a dia

Começando bem o novo ano

Feliz ano novo, caro leitor! Como é que foram as festas? No dia primeiro chegou a listar planos para os próximos 365 dias? Metas? Disse pra si mesmo o que vai mudar, o que vai mudar radicalmente e o que seguirá do mesmo jeito? Caso trabalhe com áudio, já está pensando em novos cursos e/ou equipamentos e naquela obra no estúdio? Caso faça sua própria música, 2015 será marcado por uma guinada rumo ao desconhecido, em direção ao experimentalismo com o auxílio da tecnologia? Finalmente vai colocar em prática o que até agora não saiu do papel? Dirá alguns "olás" e alguns "adeus"? Que você tenha respondido alguns "sins" a essas perguntas, leitor, pois ano novo é tempo de transformação, e que sempre seja pra melhor.

Nesta edição da *AM&T* que inaugura 2015 trazemos como principal destaque o novo console Midas M32. Na matéria, o especialista Emerson Duarte mostra cada detalhe do produto e indica o que faz da mesa um item que vale ser conferido (e que vale capa, diga-se de passagem). Ainda no tema produtos, apresentamos os testes que nosso colunista Lucas Ramos (autor da seção *Em Casa*) fez com duas novas interfaces Behringer – UM2 e UMC22 – indicadas para home studios.

O pianista Fernando Moura abriu seu estúdio para nós e contou a história do lugar, além de falar sobre o mais recente álbum da dupla que forma com o percussionista do A Cor do Som Ary Dias. Indo do estúdio para o palco, Renato Muñoz, nessa edição do *Notícias do Front*, continua a tratar do assunto "compressão", enquanto que Denio Costa, em seu texto sobre pressão sonora em shows, discorre sobre a necessidade de medição adequada dos níveis sonoros em apresentações ao vivo, sobre saúde auditiva e sobre mixagem em níveis menores como alternativa a este panorama. Bem interessante.

Na seção *Produção Fonográfica* Davison Pinheiro mostra como você pode construir painéis acústicos móveis de um jeito fácil e gastando pouco, enquanto que na *Desafiando a Lógica* o autor André Paixão, vulgo Nervoso, apresenta uma novidade de grande valor pra quem usa o programa: os Smart Controls, recursos que, como o próprio André destaca, tornam possível organizar melhor a área de trabalho do usuário do Logic, além de estimular a criatividade. E tem muito mais coisa legal nessa *AM&T*. Só não vai dar pra citar aqui por pura falta de espaço mesmo.

Por sua vez, o caderno *Luz & Cena* reserva ao leitor matérias sobre o musical *Constellation*, que nos leva a 1955 com suas luzes, cenários e canções, e também sobre as novas câmeras URSA e Studio Camera, da Blackmagic, além de trazer as colunas *Iluminando*, *Media Composer* e *Final Cut*.

Enfim, a revista está no capricho. Que o ano de todos nós seja assim!

Boa leitura!

Marcio Teixeira

ISSN 1414-2821

Áudio Música & Tecnologia

Ano XXVI – Nº 280/janeiro de 2015

Fundador: Sólón do Valle

Direção geral: Lucinda Diniz -
lucinda@musitec.com.br

Edição jornalística: Marcio Teixeira
Consultoria de PA: Carlos Pedrucci

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

André Paixão, Cristiano Moura, Daniel Raizer, Davison Pinheiro, Denio Costa, Emerson Duarte, Enrico De Paoli, Fábio Henriques, Farlley Derze, Lucas Ramos, Renato Muñoz e Ricardo Honório.

REDAÇÃO

Marcio Teixeira - marcio@musitec.com.br
Rodrigo Sabatinelli - rodrigo@musitec.com.br
redacao@musitec.com.br
cartas@musitec.com.br

DIREÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO

Client By - clientby.com.br
Frederico Adão e Caio César

Assinaturas

Karla Silva
assinatura@musitec.com.br

Distribuição:

Eric Brito

Publicidade

Mônica Moraes
monica@musitec.com.br

Impressão: Ediouro Gráfica e Editora Ltda.

Áudio Música & Tecnologia

é uma publicação mensal da Editora
Música & Tecnologia Ltda,
CGC 86936028/0001-50
Insc. mun. 01644696
Insc. est. 84907529
Periodicidade Mensal

ASSINATURAS

Tel/Fax: (21) 2436-1825
(21) 3435-0521

Banco Bradesco
Ag. 1804-0 - c/c: 23011-1

Website: www.musitec.com.br

Distribuição exclusiva para todo o Brasil pela Dinap S/A – Distribuidora Nacional de Publicações, Rua Dr. Kenkiti Shimomoto, nº 1678, CEP 06045-390 – São Paulo – SP

Não é permitida a reprodução total ou parcial das matérias publicadas nesta revista.

AM&T não se responsabiliza pelas opiniões de seus colaboradores e nem pelo conteúdo dos anúncios veiculados.



40

Novo console Midas M32

Uma mesa de alto desempenho com conversores de grande capacidade, pré-amplificador analógico e faders motorizados feitos para durar

Emerson Duarte

14 **Teste Interfaces de áudio Behringer U-Phoria UM2 e UMC22**
Boas opções para home studios, modelos oferecem compatibilidade com Windows e Mac e podem ser usados com quase todos os softwares de áudio
Lucas Ramos

20 **Áudio no Brasil**
Lembrando grandes obras do lado produtor de Paulinho Tapajós
Marcio Teixeira

24 **Em Casa**
Conexões Analógicas (Parte 4): Como soldar cabos com diferentes conectores
Lucas Ramos

28 **Plug-ins**
Renaissance Maxx Bundle: Sim: o “bom e barato” existe
Cristiano Moura

30 **Notícias do Front**
Compressão ao vivo (Parte 2) – Voltando um pouco no tempo
Renato Muñoz

34 **Som ao Vivo**
Pressão sonora em shows: Tem como trabalhar mais alto?
Denio Costa

38 **Quem é Quem?**
Técnico de instrumentos – Por dentro do trabalho dos roadies, verdadeiras “sombras” dos músicos
Rodrigo Sabatinelli

46 **Tudo em casa**
Lançando novo disco, Fernando Moura mostra seu estúdio caseiro, resultado de um investimento de 30 anos
Rodrigo Sabatinelli

50 **Desafiando a Lógica**
Smart Controls – Uma novidade para organizar melhor sua área de trabalho no Logic e estimular performances criativas
André Paixão

54 **Mixagem**
Plug-ins pra levar pra uma ilha deserta: Falando sobre ferramentas de confiança que servem para agilizar – ou até viabilizar – o trabalho
Fábio Henriques

58 **Produção Fonográfica**
Emplacando a acústica: Economia que se ouve
Davison Pinheiro

96 **Lugar da Verdade**
Piloto automático no soundcheck do show
Enrico De Paoli

seções

editorial 2
novos produtos 10

notícias de mercado 6
índice de anunciantes 95

LUZ & CENA



72

capa

Imagens do passado: Musical *Constellation* transporta público para os anos 1950
por Rodrigo Sabatinelli



76

vídeo

URSA e Studio Camera: Por dentro dos novos modelos da recém-ampliada linha de câmeras Blackmagic
por Rodrigo Sabatinelli



80

media composer

Efeitos para correção: Soluções para o dia a dia na ilha de edição
por Cristiano Moura



86

iluminando

História dos profissionais de iluminação cênica no Brasil: Sétimo capítulo – Aurélio de Simoni (Parte 2)
por Farley Derze

PRODUTOS	68
EM FOCO	70
FINAL CUT	90

CADERNO

LUZ & CENA

CONSTELLATION

Musical promove viagem sensorial pelos anos 1950

URSA e Studio Camera

Por dentro dos novos modelos da recém-ampliada linha de câmeras Blackmagic

MEDIA COMPOSER

Efeitos de correção para facilitar seu dia a dia

EDIÇÃO DE EFEITOS E ESTILOS

Conhecendo e aplicando recursos no Final Cut



HISTÓRIA DOS PROFISSIONAIS DE ILUMINAÇÃO CÊNICA NO BRASIL

Sétimo capítulo: Aurélio de Simoni (Parte 2)

A CRIAÇÃO DA LUZ

“Foi engraçado porque a primeira luz que criei foi numa peça do Guarnieri chamada Ponto de Partida (risos)”. Era o ano de 1979. Teatro do SESC, na Tijuca, Rio de Janeiro. Na época, saiu em um jornal o elogio de um conceituado crítico de teatro, Yan Michalski (1932-1990), que falava sobre “a expressiva iluminação de Aurélio de Simoni”. Aurélio mostrou o jornal para os seus colegas de trabalho da rede ferroviária e se tornou comum uma brincadeira no local de trabalho: um ou outro colega, em vez de perguntar “o Aurélio está aí?”, dizia “o expressivo está aí?”. Aurélio relembra com muito bom humor daqueles momentos. Em 1981 deixaria seu emprego na rede ferroviária.

SUFOCO

“Foi no Teatro do Centro de Convenções, em Natal, Rio Grande do Norte. Quem estava no palco era a Fernanda Montenegro. Fazia a luz de ‘Phedra’. Fiquei um ano viajando fora do Rio de Janeiro. Naquela época tinha um caminhão que levava o equipamento na estrada, e a gente ia de avião. Quando cheguei para montar a luz, perguntei ao técnico da casa onde ficava a alimentação do sistema. Ele me

mostrou e disse ‘está aqui, uma chave trifásica, um neutro...’ Eu olhei, fiz a leitura do valor nominal do fusível, estava escrito duzentos ampères, e pensei ‘ô beleza’, já que eu usava oitenta e poucos por fase. Montei minha luz, afinei, coloquei meu amperímetro, estava tudo ótimo. Começou o espetáculo e dez minutos depois <PUF!!!>; apagou tudo. Mas eu vi que a luz da cabine não apagou. Já a da cena... Tudo escuro. Com a luz da cabine acesa eu já soube que não era um apagão no bairro, não era problema na rede. Fernanda em cena, no escuro, perguntou ‘meu amigo, o que aconteceu?’. Eu me lembro que botei minha cabeça pro lado de fora da cabine e falei ‘Fernanda, eu vou procurar ver, só um instante’.

Quando abri a caixa e meti a mão nos fusíveis... Porque se tivesse um quente era trocar aquele e pronto. Mas estavam frios. Eu perguntei ao técnico ‘cara o que alimenta esse sistema?’, e ele disse ‘ah... é lá na subestação, no outro prédio’. Fui até lá. Quando cheguei na subestação, o que alimentava era um disjuntor trifásico de 100 ampères. E o disjuntor estava retorcido, derretido. Eu voltei, passei a luz da plateia para aquela rede e disse ‘ó, Fernanda, não tem jeito’. O espetáculo parou. Foram devolvidos os oitocentos ingressos. Eu me lembro que fiquei sentado, dando socos na perna,

me perguntando se tinha feito alguma coisa errado, enquanto lembrava que havia realizado todas as leituras. Isso foi em 1986.”

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

“Eu tenho certeza de que aqui no Rio de Janeiro o Jorginho de Carvalho foi o primeiro a sistematizar uma maneira de ensinar e passar o conhecimento sobre iluminação para teatro. Ele realizava oficinas de luz, inclusive fora do Rio. Muitas pessoas fizeram curso com o Jorginho, as oficinas dele. Eu fui fazer também. Aliás, no segundo dia da oficina aconteceu um fato (risos)... Eu estava esperando o Jorginho chegar, as pessoas ali esperando também, e de repente chega alguém e pergunta ‘quem é o Aurélio?’. Eu me apresentei e ele disse ‘ó, telefone pra você’. Aí fui atender e era o Jorginho. ‘Ô, Aurélio, hoje eu não vou poder dar aula, entendeu... E você faz o seguinte: quem vai dar aula é você. Ensina pra eles como é que se instala mesa de luz, o que é 110 e 220, ligação em série, ligação paralela...’ Olha, eu já fazia aquilo, mas na prática. Dei a aula, mas aquela experiência me fez estudar um pouco mais a teoria.”

Aurélio é enfático ao afirmar que a formação do iluminador no Brasil foi construída com base na relação do tipo mestre e discípulo, além das oficinas de iluminação como as que Jorginho de

Carvalho inaugurou. Muitos profissionais seguiram esse exemplo e criaram suas oficinas de luz. Aurélio vê que a publicação de livros, como o de Jamile Tormann, ou trabalhos acadêmicos, como a tese de Hamilton Saraiva, são parte da construção, formação e disseminação do conhecimento sobre iluminação cênica no Brasil.

“Além de meus companheiros de trabalho, com quem a gente aprende muito no decorrer da profissão, posso dizer que tive dois mestres: Jorginho de Carvalho e Luíz Paulo Neném. Aprendi com eles a como me conduzir, como trabalhar. O Neném me passou muita coisa técnica desde janeiro de 1978”, afirma.

Perguntado sobre como se determina o cachê, faz alguns esclarecimentos. “Pelo sindicato há valores previstos para as duas funções técnicas, de eletricista em espetáculo e operação de luz. Existe uma tabela de valores, que eu prefiro chamar de ‘tabela o-fi-ci-o-sa’. Eu digo oficiosa porque nunca foi oficializada, chancelada pelo Ministério do Trabalho. É uma tabela idealizada pelo Sindicato (Sated/RJ) e com certeza essa tabela varia de região para região do Brasil, conforme o Sated de cada lugar. Para a parte técnica existe um teto salarial, em vez de piso salarial (risos)... Mas para o iluminador, porque entra a parte artística, há mais maneiras de cobrar. No meu caso, tenho três formas:

- 1) Pelo tempo que minha cabeça vai ficar empenhada com o trabalho;
- 2) Se a pessoa não tem dinheiro para me pagar, estipulo um prolabore;
- 3) Um percentual da bilheteria.

Fora desses três, ainda acontecem outras duas situações: aquela em que não rola nada em termos financeiros, e aquela em que você paga para trabalhar. Às vezes, nessa última opção, é também uma forma de jogar sementes para colher frutos no futuro”.



Espectáculo “Fim de Partida”



Oficina de iluminação com Aurélio de Simoni

ADMIRAÇÃO E A LUZ INESQUECÍVEL

“A luz de Jorginho de Carvalho no espetáculo ‘As quatro patas do poder’. Tinha um momento dessa luz: ‘gente, ainda falta uma coisa’... ‘o que?’... ‘a casa do Jonas’. Essa era a deixa. Saía toda a luz de frente, entrava um contra-luz e todo o fundo do SESC Tijuca se iluminava. Eu lembro disso e me arrepio até hoje. Foi um privilégio operar essa luz.”

Aurélio já fez a iluminação para mais de 500 espetáculos em seus mais de 35 anos de carreira, com mais de 20 prêmios no currículo, dentre eles seis prêmios pela luz de espetáculos infantis. Entre 1989 e 1999, foram diversos prêmios Shell por espetáculos adultos, em 1992, 1995,

1996 e 1997. Ouviu de muitas pessoas que a luz criada por ele para o espetáculo “Caravana da ilusão” tornou-se inesquecível para quem viu no Teatro Nelson Rodrigues. Foi o primeiro prêmio Shell que Aurélio ganhou. Ele se lembra que, numa noite, ao final do espetáculo, quando ele saiu da cabine de luz, havia um crítico que lhe esperava no foyer do teatro, lá embaixo nas escadas. E ouviu dele: “Aurélio, eu já vi belos trabalhos seus, mas quero te dizer que você se superou neste”.

Quando lhe perguntei sobre que luz ele sonhava fazer, a resposta foi “seu eu pudesse, queria fazer a luz para a música ‘Ilha dos Açores’, do grupo português Madredeus”, concluiu.



Espectáculo “Histórias de medo”

Farley Derze é professor do Instituto de Pós-Graduação (IPOG), diretor de Gestão e Pesquisa da empresa Jamile Tormann Iluminação Cênica e Arquitetural, membro do comitê científico do Núcleo de Estética, Hermenêutica e Semiótica da UnB. Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela UnB. E-mail: diretoria@jamilertormann.com.